

DOSSIÊ TEMÁTICO

Educação do Campo em Perspectiva Latino Americana

DOI: 10.22481/praxis.v13i26.2824

POR UMA ESCOLA INFANTIL COM BIBLIOTECA: DOS FUNDAMENTOS AOS APONTAMENTOS DE PRÁTICAS

For a pre-school with a library: from fundamentals to practice

Por una escuela infantil con biblioteca: de los fundamentos a los apuntes de prácticas

Marcos Gehrke

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Brasil

Resumo

No presente artigo tratamos de refletir acerca da Escola Infantil com biblioteca. Partimos da consideração de que essas são duas instituições produzidas na história da vida humana e que precisam produzir novas relações se pretendem contribuir, de alguma forma, para a evolução e transformação social, cultural e educacional na atualidade. A pesquisa se insere no contexto do grupo de pesquisa Campo, Movimentos Sociais e Educação do Campo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). A pesquisa é sustentada na análise de conjuntura (SOUZA, 2009), que permite produzir dados trazendo o contexto das bibliotecas e das escolas dos Sem Terrinhas, em diálogo com os dados bibliográficos, cumprindo com os fundamentos da pesquisa qualitativa. Argumentamos a necessidade de que a biblioteca escolar seja incorporada na escola infantil e, fundamentalmente, como ela pode entrar na dinâmica de um movimento social, na vida das comunidades, na dinâmica da formação de professores. Dessa forma, posicionamos a biblioteca no contexto e projeto político da Escola Infantil, pois o problema da biblioteca não se encontra circunscrito nela mesma, mas na contradição do projeto que a Escola Infantil e sua forma escolar assumem na sociedade capitalista. Assim, ao se problematizar o direito da criança à biblioteca na escola, traz os fundamentos e apontamentos possíveis de serem implementados, já que a ausência ou invisibilidade desse espaço educativo na escola está mais evidente que nunca. Conclui-se que as instituições de ensino superior precisam intencionalizar a formação dos licenciados, aspecto que precisa ser intensificado na formação continuada. Reforçamos a atualidade e necessidade da pesquisa sobre o tema, vinculada aos processos de luta pela educação pública.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Educação do campo. Escola infantil.**Abstract**

We analyze the relationship between the nursery school and the library; both are historical institutions that must be placed into new relations with each other in order to contribute to contemporary social, cultural and educational evolution and transformation. The research is from the research group Countryside, Social Movements and Education by and for the Countryside of the State University of the Center-West (UNICENTRO). The research is based on an analysis of conjuncture (SOUZA, 2009), combining data on the context of the libraries in the schools of the children of the Landless (Sem Terrinhas), complemented by a review of the literature. We ask how a nursery school library can support the dynamics of a social movement, the life of the rural communities, and the dynamics of teacher training. We place the school library in the context of the political project of the Nursery School, because the problematic of the library is not limited in itself, but must be understood in regard to the contradiction of the political project, of which the school is a part, which confronts capitalist

society. It problematizes the right of children to a library in the school, as this right is more absent than ever. It concludes that higher education institutions need to intentionalize the training of teachers, with continuing education. It reinforces the relevance and necessity of research on the subject, linked to the processes of struggle for public education.

Keywords: School library. Field education. Children's school.

Resumen

En el presente artículo tratamos de reflexionar acerca de la Educación Infantil con biblioteca, Partimos de considerar de que estas son dos instituciones producidas en la historia de la vida humana y que necesitan producir nuevas relaciones si se pretende contribuir, del alguna forma, para la evolución y transformación social, cultural y educacional en la actualidad. La investigación se insiere en el contexto del grupo de investigación Campo, Movimientos Sociales y Educación del Campo de la Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). La investigación es sostenida en el análisis de coyuntura (SOUZA, 2009), que permite producir datos desde el contexto de las bibliotecas y de las escuelas de los Sin Tierrita, en diálogo con los datos bibliográficos, cumpliendo con los fundamentos de la investigación cualitativa. Argumentamos la necesidad de que la biblioteca escolar sea incorporada en la escuela infantil y, fundamentalmente, como puede entrar en la dinámica de un movimiento social, en la vida de las comunidades, en la dinámica de formación de profesores. De esa manera, posicionamos la biblioteca en el contexto y proyecto político de la Educación Infantil, una vez que el problema de la biblioteca no se encuentra circunscripto en sí misma, sino en la contradicción del proyecto que la Educación Infantil y su forma escolar asumen en la sociedad capitalista. De esa manera, al problematizar el derecho del niño a la biblioteca en la escuela, traemos los fundamentos y planteamientos posibles de ser implementados, dado que la ausencia o invisibilidad de ese espacio educativo en la escuela está más evidente que nunca. Se concluye que las instituciones de enseñanza superior necesitan intencionalizar a la formación de los licenciados, aspecto que necesita ser intensificado en la formación continuada. Reforzamos la actualidad y necesidad de investigación acerca del tema, vinculada a los procesos de lucha por la educación pública.

Palabras clave: Biblioteca escolar. Educación del campo. Escuela infantil.

Introdução

Biblioteca e escola, duas instituições produzidas na história da vida humana. A Biblioteca Escolar passa a ser o encontro-fusão dessas poderosas instituições, organizada para contribuir na educação e na formação do ser humano, como destaca Marx (2011), que o ser humano faz sua própria história, não a faz de livre e espontânea vontade, pois não escolheu as circunstâncias históricas de sua feitura, tampouco a recebeu de transmissão, assim como está. Relação que estabelecemos com a história da escola e da biblioteca na humanidade, elas sempre estiveram presentes na vida humana, contribuindo de alguma forma para a evolução e transformação social, cultural e educacional, ou a serviço da ideologia do Estado, como artifício da classe dominante, ou, ainda como reivindicação das classes populares (MILANESI, 1988; CAMPELLO, 2005), na atualidade pautada como política pública

(BRASIL, 2010), que orienta sobre a obrigatoriedade da Biblioteca Escolar (BE). A pesquisa se insere no contexto do grupo de pesquisas Campo, Movimentos Sociais e Educação do Campo e do Laboratório de Educação do Campo da Universidade estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Essas considerações nos levam a problemática, relacionada ao direito da criança à biblioteca na escola, portanto, o artigo chama em seu título o problema - "*Por Uma*" escola infantil com biblioteca -, segue trazendo os fundamentos e apontamentos possíveis de serem implementados, já que a ausência ou invisibilidade desse espaço educativo na escola está mais evidente que nunca. A biblioteca é espaço de direito da infância, da criança, dos estudantes e, mesmo dos alunos que deveriam acessar a leitura e a pesquisa nesse espaço educativo. No caso brasileiro, temos um agravante, o subdesenvolvimento começa com a ausência de escolas para as crianças pequenas, ou com seu fechamento que se dá especialmente no campo, a demanda por vagas nos centros urbanos e o transporte precário campo-cidade da criança pequena.

Milanesi (1986) contribui com o balizamento da análise quando alerta na de se pensar na perspectiva de um projeto societário que precisa ser pautado pela sociedade brasileira, em defesa da educação, da escola e, nesse caso, da biblioteca escolar para as crianças. As críticas de Milanesi (1986) sobre a biblioteca escolar referem-se à década de 1980. Desde então, houveram avanços na legislação, nas políticas públicas para a área, na implementação de tecnologias de informação, na produção teórica, na conquista do direito às escolas, mas, ainda hoje, faz-se necessário investigar e forjar o fazer deste espaço educativo da Escola Infantil¹ no sentido da formação de crianças leitoras, com posição de sujeitos na biblioteca.

Conjecturar implica pensar como a biblioteca escolar, precisa ser incorporada na escola e, fundamentalmente, como ela pode entrar na dinâmica de um movimento social, na vida das comunidades, na dinâmica da formação de professores. Portanto, a metodologia investigativa sustenta-se na análise de conjuntura (SOUZA, 2009), que permite produzir dados trazendo o contexto das bibliotecas escolares das escolas dos Sem Terrinhas e o contexto do campo (acampamentos e assentamentos), em diálogo (FREIRE, 1987) com os dados bibliográficos, cumprindo com os fundamentos da pesquisa qualitativa, que tem como preocupação estudar contextos específicos para, produzir dados qualitativos de superação para a totalidade da educação.

Logo, os objetivos do presente trabalho situam-se na intenção de posicionar a biblioteca no contexto e projeto político da Escola Infantil, pois o problema da biblioteca não

se encontra circunscrito nela mesma, mas na contradição do projeto que a Escola Infantil e sua forma escolar assumem na sociedade capitalista; ainda, apontar possibilidades concretas do trabalho da biblioteca escolar para Escola Infantil.

Nesse sentido, o artigo articula a produção de dados desde a pesquisa bibliográfica, às reflexões produzidas no contexto da formação de professores do campo em que tenho participado, bem como, nas permanentes visitas e oficinas desenvolvidas nas bibliotecas dessa realidade. Trago dados da literatura sobre a biblioteca, uma breve definição de biblioteca com imagens da atualidade do contexto escolar, seguida pela princípios pedagógicos com apontamentos de práticas para forjar a biblioteca na Escola Infantil. Por fim, as considerações e referências.

Biblioteca Escolar: relações entre a Literatura e o Contexto

A biblioteca e a ordenação de seu acervo são condições para que certo fim seja realizável. A organização pode ser diversa, como a própria prática das bibliotecas demonstra, mas é preciso que as partes desse todo, chamado acervo, sejam ordenadas com objetividade e conhecimento de todos na perspectiva da posterior desordem pelos sujeitos da biblioteca, como descreve Milanesi (1986). O mesmo destaca ainda que “É a intenção e o esforço de organização que se faz em torno dela que torna possível concretizar a função pensada” (MILANESI, 1986, p. 32).

O conjunto de imagens que segue expressa a atualidade da biblioteca em escolas de acampamento e assentamentos no Paraná (GEHRKE, 2014) e, na contradição, pode inspirar a organização da biblioteca na Escola Infantil, espaço que não está dado na política educacional e no trabalho pedagógico.

Figura 1 – Bibliotecas das Escolas do Campo.



Biblioteca da Escola Itinerante Sementes do Amanhã, Matelândia – PR



Biblioteca da Escola Itinerante Caminhos do Saber, Ortigueira – PR



Biblioteca da Escola da Infância de Passos Maio – SC



Biblioteca da Escola Itinerante Construtores do Futuro, Rio Branco do Ivaí – PR



Biblioteca da Escola Ireno Alves dos Santos, Rio Bonito do Iguçu – PR



Biblioteca da Escola Itinerante Carlos Marighela, – PR



Biblioteca da Escola Itinerante Oziel Alves, Cascavel – PR



Biblioteca da Escola Itinerante Valmir Motta, Jacarezinho – PR



Biblioteca da escola Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, Rio Bonito do Iguaçu – PR



Biblioteca da Escola Itinerante Herdeiros de Porecatu, Porecatu – PR

Fonte: Gehrke, 2014.

Como podemos ver nas imagens a biblioteca real das escolas é diversa. Diferencia-se no acervo, que em algumas é mais diversificado e completo, noutras restringe-se aos livros didáticos e poucos exemplares. A estrutura como podemos verificar vai desde o chão batido, assoalhos improvisados, paredes de lona, ao espaço adequado, com prateleiras próprias, mas a improvisação é frequente. O acervo é classificado de modo diverso, oras temático, por áreas do conhecimento, por idades dos usuários e tantos outros. Em sua maioria, o acervo é composto pelo Programa do Livro Didático do Ministério da Educação, de doações de outras escolas. O uso do espaço e do acervo centra-se na prática da leitura e da pesquisa escolar. Um dos grandes problemas é a falta de registro e controle do mesmo, junto a isso, a falta de um trabalhador específico para biblioteca. Na contradição, essa é a biblioteca.

Aurélio (2010), no dicionário, define a biblioteca como uma coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, para leitura, consulta e ainda, a situa como um edifício ou recinto onde se instala um acervo. Destaca ainda, que pode ser um móvel onde se guardam e/ou ordenam livros.

Maroto (2009) define em sua pesquisa que a biblioteca escolar está colocada na educação como lugar de silêncio, de retirar o livro para leitura domiciliar e do depósito do livro didático, dimensões que precisam ser superadas, no sentido de a biblioteca ser retirada desse lugar de assujeitamento.

A relação entre biblioteca e as comunidades aparece em Rigoletto e Di Giorgi (2009), cuja obra revela preocupação com o envolvimento da biblioteca com outros parceiros, a comunidade e as famílias dos estudantes, para formá-los leitores. Santos e Souza (2009) também chamam a atenção para essa vertente, em seu trabalho sobre o programa de leitura na

biblioteca e a contribuição da literatura na formação de leitores da comunidade, atentando para a necessidade de envolver os usuários neste trabalho.

Silva (2003, p. 46) denuncia a ausência da biblioteca escolar, inclusive na pesquisa. Diz mais quando argumenta que “[...] escrever sobre Biblioteca Escolar brasileira é tocar nas maiores deficiências do nosso aparelho escolar”.

Quando se trata do acervo, Campello et al. (2005) e Souza (2009) trazem para o cenário da escola um conjunto de práticas que, no contexto contraditório, apontam possibilidades de intervenção e resistência desde a biblioteca. Para essas autoras, o fato de que a biblioteca é espaço de registro de informação sobre suportes, faz com que os documentos e sua necessária organização em acervo, hoje impresso e digital, possam ser considerados valiosos para as práticas de ensino, indicando que os sujeitos escolares assumem condição de autoria, aspecto também mencionado por Bakhtin (2003).

Silva (2003) provoca a superação de práticas de leitura pontuais, fragmentadas e sem propósitos pensados. Exemplifica com práticas como as que instituem o dia da leitura na biblioteca e a hora da leitura como padrão de ação, os cuidados com uma prévia seleção dos livros para que as crianças os leiam e a existência de prateleiras específicas para cada idade, entre outras iniciativas que demonstrem que a prática de leitura pode e deve ser planejada.

Freire (1984) articula o projeto de alfabetização às bibliotecas populares e as compreende como um centro de cultura, em que o livro não fica guardado silenciosamente, podendo, inclusive, ser escrito pelos sujeitos que aprenderam a escrever e o fazem como forma de intervir no mundo (texto-contexto). Para ele, a escrita é compreendida como prática social, compreensão que se encontra também em Bakhtin (2003). Freire segue sua análise destacando outro aspecto importante para esta investigação, ou seja, a compreensão de que o trabalho de alfabetizar, ensinar e aprender a ler e escrever a palavra-mundo precisava estar ligado ao processo de produção do texto, como função de luta, que vai constituir acervo na biblioteca popular.

O conjunto de autores mencionados anteriormente também alerta que nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca no sentido institucional, é preciso que cumprir determinados pré-requisitos: a) intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; b) uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas; c) o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da

biblioteca. Em geral, define-se biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros diversos, cartazes, mapas, enciclopédias, jornais, revistas, obras de arte, etc.), ou não-impressos (filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, CDs, DVDs, programas de computador, etc.), mantidos para leitura, visualização e consulta.

A perspectiva assumida nesse texto fundamenta a biblioteca como espaço educativo da escola e rompe ou transgride com aspectos da biblioteca escolar convencional, incorpora a dimensão da cultura, do trabalho, da auto-organização e do conhecimento. A biblioteca assume o usuário como sujeito logo, ele, literalmente usa esse espaço, mas amplia sua ação quando passa a conviver, brincar, informar, explorar, trabalhar na biblioteca infantil, seja no ordenamento do acervo, sua divulgação, produzindo textos didáticos, científicos, literários e populares que passam a incorporar o acervo e as práticas de leitura da escola. Os serviços da biblioteca infantil ampliam sua atuação para além dos sujeitos escolares, buscam a comunidade do entorno como sujeitos que precisam do conhecimento e da informação. O acervo da biblioteca privilegia documentos diversos e inclui o brinquedo e o jogo. Entre outros aspectos a biblioteca infantil questiona a sala de aula como espaço único para a produção e reprodução do conhecimento, como assume a escola capitalista.

Portanto, a organização coletiva e trabalho são a chave para produzir a Escola Infantil com biblioteca. Milanesi (1986, p. 10) já alertava com uma questão central, “[...] é preciso estabelecer que tipo de biblioteca é necessário”. Necessário num determinado contexto e projeto educativo, numa determinada forma escolar, que precisa de uma forma de biblioteca. Essa posição justifica e articula a *práxis* da biblioteca, como alerta Milanesi (1986, p. 233):

A dimensão da serventia de uma biblioteca é dada pela forma como atua nos movimentos coletivos da população. Ela é pública, a serviço do público e só poderá ser útil no instante em que se relacionar dialeticamente com esse público.

Vivemos numa sociedade letrada, mas o livro, a leitura e a biblioteca ainda não estão para todos. Logo, cabe a Escola Infantil trabalhar nessa perspectiva, trazer esses bens culturais para a escola e a biblioteca. Fazer uma escola a serviço da formação humana (VYGOTSKY, 1998), que precisa da leitura. Biblioteca enquanto espaço-tempo de conviver, brincar, explorar, expressar, conhecer, comunicar, organizar e trabalhar. Transcendendo a posição de usuários da biblioteca em que normalmente são colocados e, na Escola Infantil nem essa condição está posta, haja vista, a ausência da biblioteca. Defendo aqui a formação de infâncias

ledoras e escrevedoras que na biblioteca, trabalham¹ e, ler, escrever, falar, estudar, brincar, organizar, lutar (...), são trabalhos de criança na escola e na biblioteca.

Essa concepção de biblioteca para infância rompe com a sala de aula como centro do processo educativo. Logo, precisa balizar a formação e atuação do trabalhador da biblioteca, o adulto mais experiente como alerta Vygotsky (1998). O autosserviço na biblioteca desempenha o papel de aproximar os sujeitos desse espaço educativo que pode ser vivo (BAKHTIN, 2003), criativo e com função social, trabalhar pela/na coletividade.

Milanesi (1986, p. 238) lembra que vincular a biblioteca com seu público é um trabalho complexo, mas considera ser possível “[...] identificar alguns caminhos que poderão permitir e estimular o público a ultrapassar o balcão e fazer da biblioteca seu espaço”.

Nessa perspectiva a Escola Infantil e nela a biblioteca, a produção do conhecimento, o acesso à informação e à cultura, são mediadas fundamentalmente pelo trabalho (MARX e ENGELS, 1986), atividade criadora e formadora do ser humano. O princípio do trabalho na biblioteca, articulado a outros tantos que o projeto pedagógico da Escola Infantil com biblioteca pode definir e assumir, coloca em diálogo o trabalho escolar, o autosserviço e o trabalho socialmente necessário, compreendendo o valor educativo dos três na constituição da Escola Infantil com biblioteca.

Para tanto, a experiência de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), indica caminhos para transformação do quadro atual da biblioteca e da escola e, para tal, propõem a inserção da criança em processos de luta para forjar a biblioteca escolar do trabalho (GEHRKE, 2014). Essa formulação, entre outros documentos encontra-se mais detalhada em Gehrke (2014), MST (2005).

Destaco, portanto, sete princípios pedagógicos a serem seguidos para a transformação da BE.

Primeiro princípio: Ocupação na BE

A ocupação (CALDART, 2000; 2012) é a pedagogia para a transformação da BE atual, exige um conjunto de ações de luta, entre as quais destacamos: parar as atividades costumeiras da escola; dirigir a coletividade organizada para o espaço da BE; escrever faixas de reivindicação; criar palavras de ordem e gritá-las; entrar na área ocupada, a biblioteca e montar o acampamento; dividir as tarefas entre a coletividade; fazer a pauta de reivindicação; chamar a imprensa local; escolher quem vai falar em nome do coletivo; organizar a

assembleia; selecionar canções e cantar durante a ocupação; trazer a direção da escola para esclarecimentos; convocar a presença do Estado; realizar rodas de leitura e debate enquanto negociam; postar no blog imagens e propostas da ocupação; estabelecer propostas de melhoria para BE; discutir como farão a produção desse espaço, rompendo com seu silenciamento; envolver os movimentos sociais nas negociações; provocar a universidade e seus pesquisadores para participar e lutar; registrar todo o trabalho; produzir a memória da BE.

A ocupação é feita com verbos de ação, se faz pedagogia na ocupação, como anuncia cada um dos trabalhos propostos para a ocupação: parar, dirigir, escrever, criar, entrar, dividir, fazer, chamar, escolher, organizar, selecionar, convocar, trazer, realizar, estabelecer, discutir, mostrar, envolver, convidar, descrever; provocar, registrar; produzir.

O primeiro princípio foi demarcado, outro se coloca na efetivação da pedagogia da ocupação, resistir e lutar, para manter a ocupação e dar sequência à luta.

Segundo Princípio: Resistir e lutar, trabalho dos sujeitos na ocupação

Para ter escola as crianças Sem Terra lutam nas ocupações. Ao entrar na escola, se ocupam do estudo e seguem ocupando novos latifúndios como forma de aprender a lutar pela transformação da sociedade. A ocupação da BE é uma nova tarefa e precisa estar alimentada por atividades de resistência, ou seja, a pedagogia da ocupação na sua dimensão humanizadora. Resistir e lutar são ações combinadas quando se pretende transformar algo arraigado na estrutura, portanto, não pode ser feita só por quem está na Escola do Campo e na BE, é fundamental engajar e articular os movimentos sociais na luta. Ainda que os espaços de resistência e lutas sejam diversos, todos precisam ser reconhecidos, potencializados e articulados, superando o isolamento das ações em torno da BE.

Os sujeitos, professores ou educadores, precisam assumir certo protagonismo nessa resistência e luta em cada BE, por várias razões, entre elas, serem eles os intelectuais com maior escolaridade nas comunidades. Essas razões pretendem-se provocadoras para os educadores que, necessitam incorporar em suas práticas de ensino, o uso da BE, situando-as como potencializadoras da formação de sujeitos na produção do conhecimento. A comunidade local e os movimentos sociais são sujeitos e, numa relação dialética, convocam ou precisam ser convocados para essa luta.

Na pedagogia da ocupação, o sujeito precisa sentir-se provocado e não ficar na pura espera do novo. Indico estratégias de luta, na perspectiva do forjar a Biblioteca Escolar do Trabalho (BET). Como estratégias para além da escola é preciso:

- Denunciar as condições das BEs nos meios de comunicação local, regional, nacional;
- Conhecer a legislação da BE, para saber lutar; Reivindicar a implementação da lei 12.244/2010;
- Divulgar os parques investimentos financeiros que o Estado faz em BE; Pautar reivindicações e fazer mobilizações;
- Definir a identidade do trabalhador da BE;
- Fazer proposições na política pública, para composição do acervo e do espaço físico;
- Pautar financiamento para produção, impressão de obras locais, da escola e seu entorno.

Como estratégias no interior da escola e da biblioteca escolar:

Ordenar o espaço possível na escola e denominá-lo BE;

- Escolher um nome significativo para ela e fazer a inauguração com uma grande festa;
- Ordenar o acervo de alguma forma e orientar os estudantes e professores para o uso;
- Informatizar os dados;
- Planejar o trabalho em parceria com os atores-sujeitos, acolhendo necessidades e interesses;
- Fazer o processo de auto-organização dos estudantes e dividir o trabalho da BET;
- Mapear os interesses de leitura;
- Produzir e aprovar em assembleia o regimento da BE;
- Divulgar o acervo junto à comunidade;
- Pautar e reivindicar acervo junto aos órgãos competentes;
- Reivindicar recursos para publicar produção local;
- Vivenciar práticas de leitura: seminários, recitais, rodas de leitura, contação de histórias;
- Fazer a contação de causos do local;

- Trazer escritores e pessoas que escrevam para dar depoimentos;
- Trazer os mais velhos para BE, torná-los contadores de histórias;
- Ensinar a pesquisa escolar na BE e nas salas de aula;
- Fazer a memória da ocupação, por meio da escrita e da imagem;
- Fazer campanhas de arrecadação de literaturas para as bibliotecas em suas localidades.

Os elementos abordados favorecem o adentrar no próximo princípio que, esclarece sobre o trabalho como a *práxis* da BE da infância.

Terceiro Princípio: Trabalho como *práxis*

A matriz do trabalho (MARX e ENGELS, 1986), atividade criadora e formadora do ser humano, articulada as demais matrizes, é basilar para estruturar a forma da BE da infância, como espaço em que os sujeitos estudam, se organizam e trabalham, transcendendo a posição de usuários em que normalmente são colocadas as crianças. Apontamos possibilidades de trabalho na biblioteca escolar:

- Ensinar a criança pequena a frequentar uma biblioteca, ver sua organização, seu acervo, os serviços, seja nos livros impressos, na internet ou outros;
- Ensinar a pesquisa escolar, seja nas enciclopédias, nos mapas, nos livros didáticos, na literatura infantil, nas revistas. Mostrar que ali reside parte do conhecimento produzido pela humanidade;
- Ensinar os maiores a acompanhar as práticas de pesquisa dos menos experientes ou mais novos;
- Ensinar a criança a trabalhar na biblioteca: ler, produzir cartazes, desenhar, copiar adequadamente fragmentos dos livros;
- Ensinar a leitura domiciliar, que implica retirar as obras da biblioteca, levar para casa, ler com os familiares, contar para colegas;
- Trabalhar nos serviços necessários de organização da biblioteca: Organizar o mural da sala de aula e da biblioteca; Divulgar obras do acervo; Colaborar no seu ordenamento; Fazer campanhas para agregar novos leitores; Expor livros no tempo recreio e convidar colegas para ler; Programar recitais de poesia; Distribuir o jornal escolar nas classes;

- Reunir, organizar a produção escrita das crianças para divulgar na rádio escolar, nos murais, para fazer a produção de livros das crianças;
- Criar na biblioteca uma seção específica para depositar as produções dos estudantes, valorizando escritores locais;
- Produção de livros, panfletos, jornais para serem distribuídos na comunidade a fim de esclarecer sobre determinado tema ou aspecto das culturas;
- Ler para os mais velhos ou para os analfabetos da comunidade;
- Ouvir dos camponeses mais velhos e experientes as práticas de cultivo e manejo das plantas e animais para produzir registros;
- Escrever para jornais locais sobre a conjuntura;

O princípio do trabalho na BE, articulado aos demais princípios da ocupação e da resistência, exige que a condução pedagógica do trabalho na BET seja exercida por profissionais preparados política e tecnicamente, logo, definir o perfil desse trabalhador é condição para que a BET se efetive.

Quarto Princípio: Lutar “Por uma” definição da identidade do trabalhador da BE

A realidade escolar não conta com bibliotecários atuando nesse espaço educativo. Também não é consenso na pesquisa científica sobre quem deva ser o profissional para atuar na biblioteca da escola. Esse princípio quer reafirmar a necessidade da formação de um profissional específico para BE, com funções do bibliotecário, mas com ressignificação na função de um bibliotecário escolar que, para Silva (2003) incorpora características de pedagogo. Portanto, essa função precisa ser exercida por um profissional, formado academicamente, com reconhecimento no sistema público e com concurso específico na área, haja vista, sua função ampla e complexa, permeiam o trabalho técnico, pedagógico e político.

Destacamos seu compromisso político e militância na causa da BE, a capacidade de ser dirigente, líder e educador popular, pois a BET se coloca como espaço aberto à comunidade, transgredindo o estabelecido, atender alunos e se faz espaço da informação, do conhecimento e da cultura no sentido amplo. Mas, fundamentalmente, esse trabalhador precisa estar aberto a transgredir com a forma da BE, produzindo, a partir do planejamento, a BET, que precisa articular na sua ação a escolarização e desescolarização do seu trabalho. Porém, lutar pela definição do perfil desse sujeito e sua atuação na BE precisa ser uma ação dos trabalhadores em educação, dos movimentos sociais, das IES, e dos sujeitos da BE.

Quinto Princípio: Escolarizar-descolarizar a *práxis* da BET

Para quem se destina a BE? A resposta é óbvia, quando a ação educativa se restringe às atividades escolares centradas na sala de aula: os alunos, professores, os possíveis “usuários” da biblioteca. Para quem se destina a BET? Para estudantes, professores e educadores, os trabalhadores do campo, sujeitos e usuários da BET. A classe trabalhadora do campo, raramente com direito de acesso biblioteca.

Diante desse universo complexo de sujeitos ou usuários da biblioteca da escola do campo, é preciso pensar, num movimento dialético, sobre as atividades da escola e da biblioteca, que podem ter novo sentido no contexto do campo. A BET comunga com uma pedagogia da escolarização-desescolarização do trabalho pedagógico que, em última instância, é ligar escola e vida; estudo e trabalho; cultura popular com a ciência e as artes. A escolarização é necessária na realidade brasileira, precisa agregar e adensar o universo cultural dos sujeitos, portanto, a BET tem função central nessa busca.

A *práxis* da BET se efetiva em sua função transgressora, escolarizar-descolarizar, quando passa a olhar o entorno da escola, o movimento social, os camponeses e as camponesas, a vida, suas demandas de luta, informação, conhecimento, lazer. Ao sujeito cabe explorar as potencialidades da biblioteca, usar os serviços oferecidos, pesquisar e realizar suas leituras, ser um sujeito, que além de ler ele passa a escrever livros na BET.

Sexto Princípio: Compor o acervo, um trabalho socialmente necessário

A BET e seu acervo, como centro de informação, trabalho, conhecimento e convivência só podem existir dentro da perspectiva de resistência e transformação. Essa concepção remete a um acervo compreendido e trabalhado sem censura, constituído por um conjunto de documentos e de discursos contraditórios. E a BET é, por excelência, um centro de contradição, perturbador da ordem informada, dos discursos “verdadeiros”, do implícito não desvelado, da autoridade imposta, dos encaminhamentos desencontrados, um espaço de trabalho e luta contra o poder dominante estabelecido.

A composição e a ordenação do acervo da BET são condições para que certo fim seja realizável e, a ordenação pode ser diversa, como a própria prática das bibliotecas demonstra. Mas é preciso que as partes desse todo, chamado acervo, sejam ordenadas com objetividade e

conhecimento de todos, na perspectiva da posterior desordem, pelo sujeitos na BE. A BET precisa incorporar em seu acervo a produção dos sujeitos, o texto escolar, o texto científico, literário, didático, enciclopédico, erudito e clássico, como propõe em Britto (2009).

Outro aspecto relevante quanto à BET, refere-se à necessidade de incorporação, em seu acervo, dos documentos produzidos e ordenados na Biblioteca da Educação do Campo (GEHRKE, 2014), um conjunto diverso de enunciados dispostos em suportes de vários formatos: textos, cadernos, livros, livretos, CDs, cartas, boletins, cartilhas, fascículos, minutas, dicionário, fascículos, portarias, pareceres, decretos, resoluções, autorizações, diretrizes, projetos, leis, instruções e editais. Vale ressaltar que boa parte dessa documentação não é escrita para a escola ou para o uso escolar, na escolarização. Logo, são fontes de informações escritas noutra linguagem, dirigida para um conjunto de atores-sujeitos, enriquecendo o acervo, apresentando nova linguagem na escolarização. Esses documentos têm forte potencial para ser uma nova leitura da realidade do campo, pois carregam a posição dos protagonistas da luta pela Educação do Campo no Brasil, aspecto que reafirma o a necessidade de formar sujeitos, leitores-escrevedores na BET.

Sétimo Princípio: Formar o sujeito em leitor-escrevedor na BET

Uma das funções exercidas pela BET é educar. O leitor-escrevedor é capaz de ler e escrever como forma de luta, é um sujeito integral que, por meio da biblioteca, lê e escreve. Queremos considerar que, nas práticas de escolarização, essas duas funções caminham separadamente, formamos mais leitores e menos pessoas que escrevam. Nesse sentido, os conceitos de leitores e escritores não dão conta de expressar a dimensão do que estamos pensando, o que não simplifica nem reduz a necessidade de formar leitores e escritores, ao contrário, situa, complexifica e compromete a ação de formá-los.

Leitores leem livros, assinam revistas e jornais, acessam internet, visitam bibliotecas, vão às livrarias, museus e exposições, conhecem a arte, buscam informações, fazem críticas. Escritores escrevem esse universo de informações e conhecimentos. Mas o escritor é sempre um leitor. O leitor pode ser escritor e uma pessoa que escreve. A formação desejada é uma *práxis* combinada, formar leitores (que normalmente são muitos) e escritores (que normalmente são poucos) passa a estar ressituated na BET, que prima pela formação de leitores-escrevedores, que fazem uso da linguagem verbal em contexto, leem e escrevem como forma de existência humana, como forma de luta, como trabalho socialmente necessário

e colocam esta ação a serviço do coletivo e do humano.

O leitor-escrevedor, é ousado, coloca-se na leitura e na escritura, interpreta, compreende e revela-se nelas, produz seu modo de ler. O leitor-escrevedor, mobiliza a comunidade e seu entorno para tal, se ler e escrever lhe foi possibilitado, busca garantir o direito aos demais companheiras e companheiros.

Os camponeses necessitam de uma biblioteca que lhes possibilite a produção da palavra que, em última instância, é a produção do conhecimento e da sua própria existência. A palavra e a BET passam a ser produzidas no ato da ocupação da biblioteca e se estendem no processo de resistência e luta, mediada pelo trabalho escolar e socialmente necessário, objetivado na produção do acervo e dos sujeitos.

Considerações Finais

A análise desenvolvida permite compreender que a Escola Infantil com biblioteca, na contradição das suas condições, desassistida pelo Estado e das práticas pedagógicas da Escola Infantil (Centros Municipais de Educação Infantil, Escola Multisseriada do Campo, Escolas municipais urbanas e rurais que incluíram a Educação Infantil), pode forjar práticas transgressoras na biblioteca com as crianças pequenas. Para isso, necessita do planejamento coletivo, a instalação desse espaço na escola; busca de acervo e seu ordenamento na lógica da criança; produção do acervo com a criança; investimento público para o espaço e acervo e; quem sabe, a tarefa mais fundante de tudo, a formação do leitor infantil e a comunidade do entorno.

Concluo, também, que as instituições de ensino superior precisam intencionalizar a formação dos licenciados para o trabalho pedagógico em bibliotecas, aspecto que precisa ser atualizado e intensificado na formação continuada de professores. Reforço, por fim, a atualidade e necessidade da pesquisa sobre o tema, desde que vinculada aos processos de luta pela educação pública, dimensão que o professor precisa retomar permanentemente em sua formação.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Positivo, São Paulo, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes,

2003.

BRASIL. **Lei n.º 12.244**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, 25 maio. 2010.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEHRKE, Marcos. **Contribuições da práxis para a constituição da biblioteca escolar do trabalho a partir da Educação do Campo**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MILANESI, Luís. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e biblioteca pública**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MST. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. **Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001**. Caderno de educação, Veranópolis, v. 13, 2005.

RIGOLETO, Ana Paula Cardoso; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: os mediadores em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SANTOS, Caroline Cassiane Silva dos; SOUZA, Renata Junqueira de. Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: os mediadores formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VYGOTSKYI, Lev Semenovihct. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Dr. Marcos Gehrke

Universidade Estadual do Centro-Oeste – Brasil

Doutor em Educação

Professor do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação

Membro da Articulação Paranaense ‘Por uma’ Educação do Campo

E-mail: marcosgerke@gmail.com

Recebido em: 11 de maio de 2017

Aprovado em: 27 de junho de 2017